

ADAPTANDO ESPAÇOS: ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES EM HABITAÇÕES POPULARES

Circe Maria Gama Monteiro ⁽¹⁾; Eveline de Sena Carvalho ⁽²⁾; Robson Canuto da Silva ⁽³⁾

⁽¹⁾ Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano/UFPE, circe@elogica.com.br

⁽²⁾ Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFPE, evelcarvalho@hotmail.com

⁽³⁾ Departamento de Arquitetura e Urbanismo/UFPE, r.canuto@zipmail.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise das transformações elaboradas por moradores de conjuntos habitacionais em suas unidades de moradia, com enfoque específico nos apartamentos. Tendo como objeto de estudo os blocos residenciais do Conjunto Curado III, o qual apresenta duas tipologias de plantas distintas em quatro diferentes orientações, foram observadas não só expansões, reformas e mudanças de acabamento, como também alterações no uso das moradias. Apresentamos os resultados referentes às diferentes estruturas resultantes destas modificações, assim como uma discussão sobre a tipologia de habitação almejada pelos moradores.

Palavras chaves: conjuntos habitacionais, transformações, morfologia, sintaxe espacial.

1. Antecedentes

Os programas de habitação popular, encetado nos idos de 1964 pelo Banco Nacional de Habitação – BNH e as Companhias de Habitação – COHAB's, representaram uma tentativa do Estado de formar espacialmente a habitação popular no Brasil. As soluções então concebidas, refletiam o tamanho do problema que o estado procurava sanar.

Face às dimensões propostas, vastas áreas de espaço vazio eram necessárias para implantação dos mesmos, e assim, a localização dos conjuntos se dava em locais geralmente distantes das áreas mais centrais da cidade, e não raramente, estas áreas não acompanhavam o tecido urbano já existente. Na Região Metropolitana do Recife alguns conjuntos populares foram construídos com esses conceitos, como Rio Doce, Maranguape, e Curado, todos em situações periféricas à cidade.

As características formais dos conjuntos habitacionais implantados no Brasil obedeciam aos conceitos da cidade modernista. Estas características no conjunto em estudo traduziram-se em prédios soltos no lote e quadras onde o espaço livre predominava. Estes conjuntos, enquanto concretização dos princípios do urbanismo moderno, atendem a todas estas normas a partir da priorização do espaço público sobre o privado, otimizando assim, a utilização do solo comum. E, para a concepção do espaço doméstico, eram concebidas as necessidades mínimas do homem, ou seja, os pretensos moradores que iriam habitar estes espaços eram pensados como seres humanos universais. Mas como estes preceitos

foram apropriados pelos reais moradores? Como estes moradores representam a sua moradia? Que valores estão arraigados produtos de experiências anteriores de habitação?

Com o passar do tempo, observa-se em quase todos conjuntos, a transformação dos desenhos originais das plantas, numa tentativa de adequar estes espaços às necessidades dos usuários. Ao contrário de outros países onde habitações populares são alugadas, onde não são permitidas alterações e onde a fiscalização é exercida; no Brasil assistimos a um processo sem nenhum controle de reformas e expansões que levam inclusive ao comprometimento estrutural das construções.

Tais alterações já foram descritas como "favelização" dos conjuntos habitacionais, como visto em (Moreira, 2000), onde foi realizada uma análise sobre favelas e cortiços e, observando os objetos de estudos verificou-se tratar de conjuntos habitacionais de São Paulo.

Localizado distante do centro urbano, o conjunto habitacional do Curado III foi selecionado para ser objeto de estudo por apresentar um nível de transformação surpreendente. É possível afirmar que nenhum dos edifícios de apartamentos continua com sua lâmina como no projeto original. Todos apresentam modificações internas e externas.

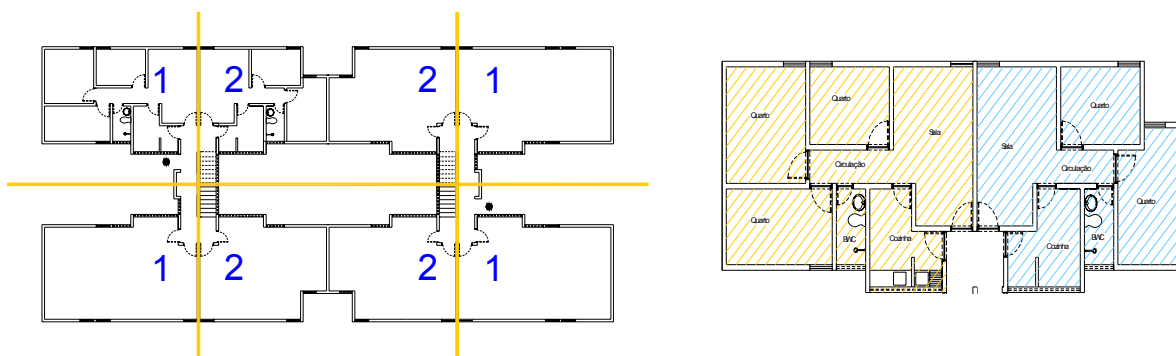
De modo a poder compreender o uso destes espaços, se tornou essencial o registro da forma de ocupação, ou seja, a disposição de móveis e equipamentos domésticos em cada cômodo, assim como novas portas, fechamentos de paredes, novos acessos etc. Buscou-se compreender a lógica, não só espacial como também social, destas transformações que se desenvolveram no interior das unidades residenciais do conjunto. O estudo compreendeu também uma investigação com os moradores acerca de seus hábitos cotidianos, e experiências domésticas e sua correlação com os espaços de sua moradia.

2. Métodos e Procedimentos de Coleta de Dados

2.1 Registro em plantas

Com o intuito de analisar as transformações ocorridas no espaço doméstico, bem como sua relação com os hábitos de seus moradores, foi estabelecida uma amostra de 100 unidades habitacionais. Foram selecionadas exemplares localizadas em todas as quadras, sendo considerada também a tipologia dos apartamentos (internos e externos) e os andares (térreo até segundo).

Os Blocos dos apartamentos com a forma de "H" são constituídos de 24 apartamentos distribuídos em três andares, com unidades com dois quartos e três quartos. Cada bloco possui dois acessos independentes que conduzem a escadaria e aos corredores de acesso, que são abertos.



Figuras 1 e 2: Tipologia dos edifícios, bem como disposição dos ambientes nos apartamentos tipo (dois e três quartos).

A planta original apresenta duas portas de acesso à moradia: uma porta social, dando acesso à sala e uma porta de serviço, contígua ao hall, permitindo acesso à cozinha e área de serviço. A dimensão desta área (cozinha/serviço) é bastante reduzida a ponto de impedir a inclusão de equipamentos domésticos como geladeira, ou máquina de lavar roupa. Estes dois cômodos são abertos para a parte interna do bloco e não permitem qualquer visão externa. A sala apresenta uma janela que pela disposição dos blocos não proporciona uma visão da rua e da área de acesso ao prédio. Os quartos são

ligados pelo corredor que atua como espaço de transição entre os três setores da casa. O banheiro se localiza adjacente aos quartos neste mesmo corredor íntimo do apartamento.

Os mapas, plantas, cortes e outros documentos referentes a este conjunto habitacional e seu entorno foram coletados e utilizados como base para registro das transformações tanto na área urbana como no espaço doméstico. Foram criados formulários com as plantas originais para posteriormente receber os registros das modificações realizadas no interior das residências.

Os moradores foram entrevistados em suas casas, e ao constatar a presença de reformas os pesquisadores solicitavam informações aos moradores, e passavam a registrar as alterações ocorridas. Em alguns casos os moradores ajudavam a explicar as adaptações em espaços mais privados da residência na qual não gostariam que os pesquisadores tivessem acesso.

2.2 Registro do mobiliário

Investigar o espaço doméstico pode ser uma tarefa difícil visto que o pesquisador precisa adentrar na moradia e nos espaços privados da casa. Muitos moradores consideram tal intromissão inaceitável, o que dificulta o trabalho de registro das informações. O registro da reforma, ou seja, o desenho da planta e do mobiliário, consome muito tempo, tornando o processo desgastante.

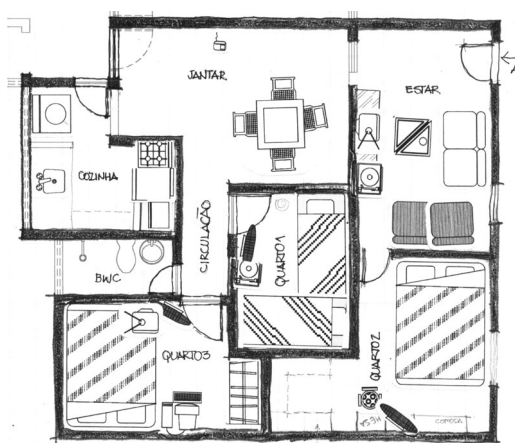


Figura 3: “Stickers” representando a disposição dos móveis dentro de uma residência.

Uma alternativa encontrada para driblar estes percalços foi a utilização de um material autocolante com o desenho do mobiliário e eletrodomésticos possíveis de serem encontrados em uma moradia, na escala da planta original apresentada. A utilização destes “stickers” foi fundamental não só por diminuir o tempo gasto nesta etapa do questionário, como também por promover uma maior interação do morador com a pesquisa. Nesta fase, o entrevistado era estimulado a colar os adesivos na planta já desenhada. Ao passo que o mesmo colocava os móveis em suas devidas posições, a resistência à pesquisa diminuía. A localização do mobiliário na planta era importante para facilitar a compreensão dos diferentes usos que cada morador codifica para cada ambiente utilizado.

Nesta fase foi aplicado um questionário visando recolher informações sobre os respondentes e sua família, e o processo de alteração da moradia: quantas

reformas foram feitas, qual o teor das mesmas, os motivos e quem as executou.

Para analisar a causa de tantas modificações é preciso acima de tudo compreender os hábitos de vida dos usuários do conjunto, para tanto, um terceiro eixo de investigação focaliza as atividades cotidianas e a forma como ocorrem na moradia.

2.3 Hábitos de morar: Procedimento de Classificações Múltiplas

Não se pode compreender transformações no espaço doméstico sem conhecer como se dá a utilização do mesmo e o que cada espaço representa para o morador. Foram estabelecidos três principais componentes da experiência diária de atividades domésticas: a temporalidade da experiência, ou seja, em que período do dia ela acontece, a co-presença de pessoas, ou com quem partilhamos estas atividades e os locais preferenciais de ocorrência, ou melhor, dizendo em que local ou cômodo da casa acontece.

A tarefa de classificações múltiplas consiste em solicitar que o sujeito apresente suas idéias e concepções sobre o assunto, utilizando vários elementos que são agrupados ou separados de acordo com sua similaridade, em função de diversos critérios estabelecidos. A multiplicidade das classificações, onde a pessoa classifica os mesmos elementos considerando aspectos diferentes, permite uma compreensão multifacetada do mesmo objeto ou evento. Esta metodologia tem sido utilizada em estudos transculturais sobre conceituações dos espaços domésticos (Ito, Canter and Wilson, 1993). No presente caso foram apresentados rótulos com a descrição de atividades domésticas

cotidianas tais como tarefas domésticas (cozinhas, lavar roupa, passar roupa etc), atividades sociais ou comunais (almoçar, conversar), atividades pessoais ou privadas (descansar, dormir) e atividades de lazer (ver televisão, ler, ouvir música).

Neste artigo, no entanto, iremos focalizar e discutir uma forma de transformação destes apartamentos que os leva a identificar como uma casa, negando o conceito de apartamento. Sendo esta uma alteração bastante freqüente e reveladora, buscaremos discutir a lógica das intervenções, o produto final objetivado pelo morador e a transformação no uso do espaço doméstico.

3. Análise de Dados

Para a análise do espaço arquitetônico escolheu-se utilizar metodologias de análise espacial como a sintaxe espacial (Hillier e Hanson, 1994). Este método torna possível comparar estruturas de espaços que parecem ser bastante diferentes. A sintaxe espacial estabelece medidas que permitem comparar os graus de integração global, controle e profundidade das moradias, e, por conseguinte poder descrever e classificar as diferentes tipologias arquitetônicas resultantes das transformações do conjunto habitacional em questão, ou seja, como estas reformas representam real alteração na estrutura das moradias.

A técnica do space syntax foi desenvolvida na Bartlett School of Graduate Studies da University College London, sob a coordenação do professor Bill Hillier e tem por função primária modelar o ambiente construído de forma sensível a vários aspectos funcionais. Este método considera que, ao realizar a análise do ambiente construído faz-se necessário considerar a estrutura dos espaços usáveis criados pelo ambiente construído. Tal análise se baseia na utilização de técnicas de análise de modelação espacial, centradas no conceito chave de configuração. De acordo com Hillier (1996)¹:

“configuração existe quando as relações entre dois espaços são modificadas de acordo com como relacionamos um, outro ou ambos os espaços a, no mínimo um terceiro”.

Um aspecto importante é distinguir relação e configuração. A primeira pode haver quando se têm dois espaços, mas para que se estabeleça uma configuração, é importante analisar a relação destes com um outro, para que seja possível perceber como a relação entre eles é afetada.

A figura abaixo demonstra duas análises que permitem descrever a estruturas das casas. A primeira, chamada de gráfico justificado, descreve a relação de contigüidade de todos os espaços da habitação e apresenta a sua estrutura de profundidade. Nesta análise considera-se como raiz ou ponto de partida a entrada das habitações. Este gráfico permite ainda perceber a profundidade de cada cômodo, ou seja, por quantos espaços é necessário passar para se chegar em determinado lugar. A outra, chamada de espaços convexos, consiste em decompor os espaços da casa em espaços chamados convexos, ou seja, onde se pode ter visibilidade de todos os pontos deste mesmo espaço. Apresentaremos neste trabalho uma análise comparativa da estrutura das habitações após as reformas, utilizando os gráficos justificados e representando convexos com a função modificada destes espaços.

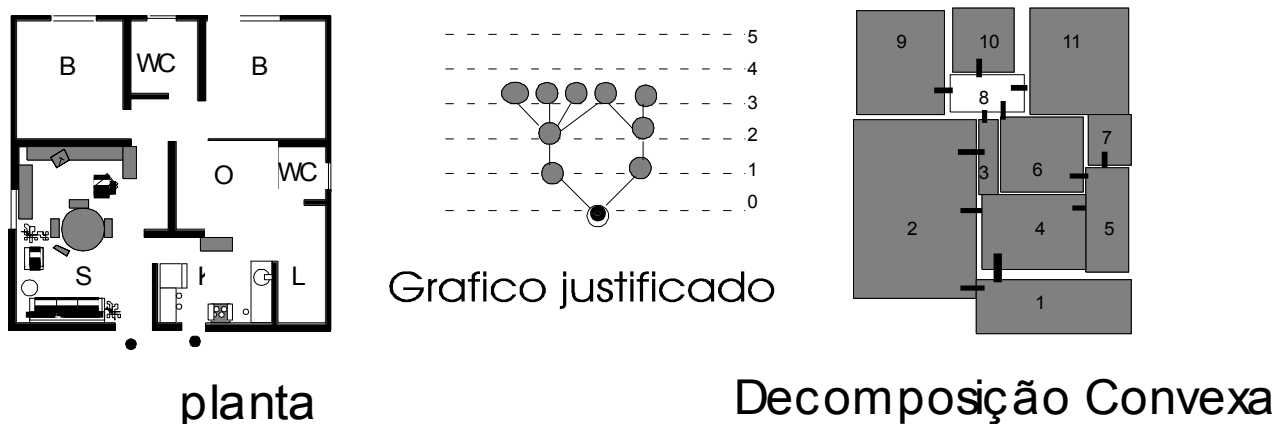


Figura 4: Planta baixa de um apartamento, e a respectiva análise do mapa convexo e gráfico justificado.

¹ HILLIER, Bill (1996). Space in the Machine. Cambridge: Cambridge University Press. p. 33. Tradução deste autor

4. Resultados: Transformando a Estrutura Habitacional: em Busca de Padrões Culturais?

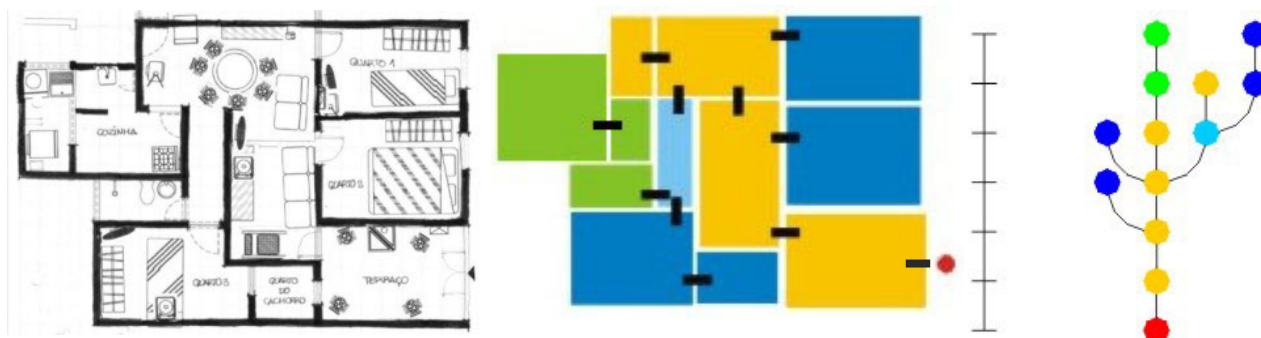
Como já dito anteriormente, o partido de planta dos conjuntos habitacionais pretendia suprir um conjunto de necessidades básicas, mínimas. As habitações foram concebidas para população de baixa renda, onde o critério do menor preço de construção era um fator de grande importância na definição do tamanho e tipo de acabamento. Percebe-se, no entanto, um equívoco, ao considerar a situação econômica desta população como um dado imutável. Não havia previsão de estacionamento de automóveis, ou mesmo de áreas para desenvolvimento de atividades comerciais e de serviço. A planta bastante rígida dos apartamentos permitia também poucas adaptações.

Entretanto, quase que imediatamente após a ocupação, o morador começa a realizar transformações em sua habitação, e fica evidente a disparidade dos conceitos de necessidades mínimas do morador e da concepção original do conjunto habitacional.

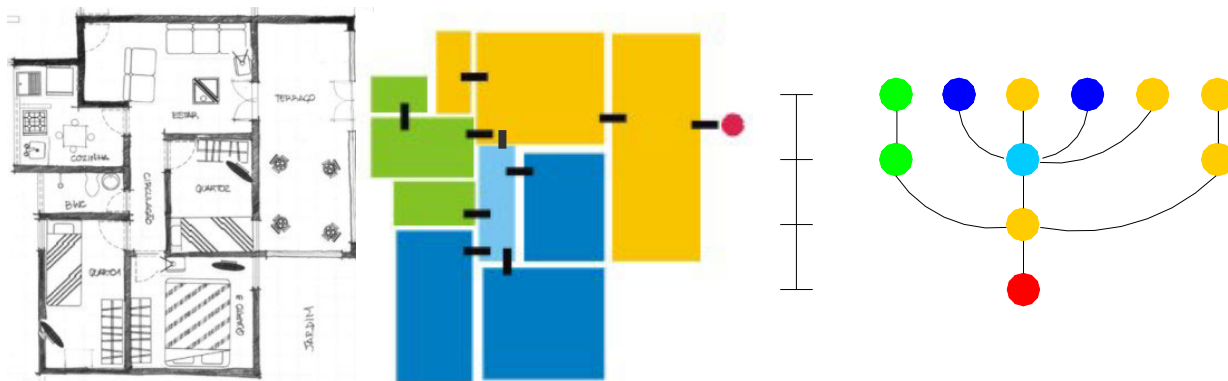
A planta original era a tradução do que seria uma casa moderna. O zoneamento das funções se apresentava de uma forma bem clara distinguindo área social, de serviço e íntima. Esta estrutura procura sempre respeitar a hierarquia dos espaços, levando em consideração os graus de profundidade dos ambientes. Ou seja, os ambientes mais rasos abrigam os espaços de acesso mais público, (sala/cozinha) onde os visitantes são permitidos e, os mais profundos, os espaços privados, aqueles acessados apenas pelos moradores.

As figuras que seguem representam exemplos mais significativos das transformações verificadas nestes apartamentos.

O apartamento A apresenta uma expansão que resulta em quartos maiores, duas salas de estar e um novo terraço. A abertura criada para o exterior levou ao completo fechamento do acesso pelo hall coletivo, ocorrendo, porém, a manutenção das funções nos espaços originais.

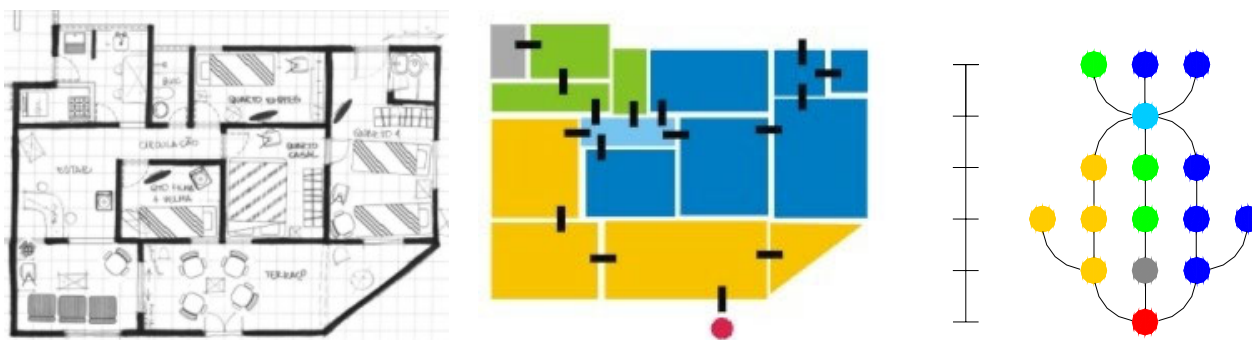


O apartamento B triplica a área social na expansão lateral do apartamento, cria mais um quarto e apresenta a concepção de suíte (banheiro próprio). Neste caso o acesso de serviço é mantido, apesar do novo acesso exterior na área social e o acesso externo exclusivo da suíte.



Figuras 8, 9 e 10: Planta baixa, análise do mapa convexo e gráfico justificado do APARTAMENTO B.

O apartamento C nos mostra uma expansão mais tímida, com a implantação de um terraço com acesso exclusivo ao exterior, as portas de acesso interno são fechadas e dessa forma, é mantido o zoneamento original dos cômodos.



Figuras 11, 12 e 13: Planta baixa, análise do mapa convexo e gráfico justificado do APARTAMENTO C.

A partir da análise dos gráficos justificados de cada apartamento, percebe-se que, no decorrer das modificações, a nova casa perde a noção do zoneamento interno rígido dos setores da casa. Na tentativa de tirar proveito do maior espaço possível, os moradores muitas vezes constituem ambientes íntimos (ou privados) em nível muito raso de profundidade. Acontecendo situações onde alguns quartos foram localizados em níveis mais rasos que as áreas sociais. Comparando os gráficos justificados das plantas originais com aqueles que resultam das modificações, observa-se que as adaptações acarretaram duas novas tipologias: a estrutura tipo arbusto raso e árvore tipo palmeira, ou seja, uma seqüência de espaços com ramificações nos níveis mais profundos.

Alguns aspectos merecem ser destacados:

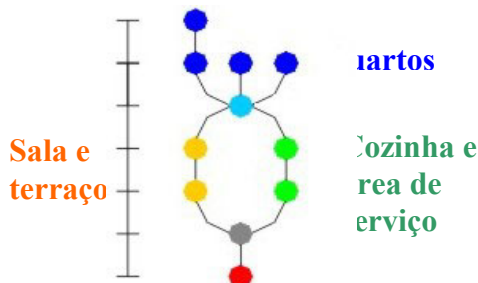


Figura 14: Representação de um gráfico justificado da planta original.

1. Com a abertura de mais um acesso, geralmente a partir do acréscimo de um terraço, os espaços internos das residências tornam-se mais permeáveis. Dessa forma, as alterações efetuadas e conseqüente aumento do número de ambientes, faz decrescer o nível de profundidade das residências. As estruturas passam a ser do tipo arbusto, mais rasas.

2. Em alguns casos foram observadas moradias onde a partir da abertura de um novo acesso, como o citado anteriormente, são inutilizadas as entradas do hall social do edifício, através da retirada das portas e construção de paredes

ou simplesmente encostando eletrodomésticos nas portas. Assim, as estruturas passam a ser do tipo árvore (tree), onde o acesso principal e único eleva o nível de profundidade das residências. E, por conseguinte, a área designada para a função de serviço (cozinha e adjacências) anteriormente localizada num dos primeiros níveis da moradia, passa a se posicionar em níveis mais profundos, contrastando com as áreas privadas posicionadas em níveis mais rasos.

Esta última estrutura se assemelha as de casas individuais de classe média analisadas por Monteiro (1997) que apresentam as atividades de serviço ocorrendo nos espaços mais profundos da residência, muitas vezes com acesso externo.

De uma forma geral, as reformas causaram uma perceptível transformação na estrutura das habitações, o corredor inicialmente necessário à integração dos setores parte do anel que envolve o hall externo, deixa de ser fator cogente ao aparecimento deste. A partir destas alterações as áreas íntimas também passam a fazer parte destes anéis, fazendo com que estas passem a ser mais integradas que

anteriormente. Como consequência direta, os ambientes íntimos passam a perder as características que deveriam ser pertinentes aos mesmos: de serem mais privados, e, portanto, mais segregados.

Percebe-se principalmente que as transformações nas moradias ocorrem com a busca do aumento das áreas sociais. A construção de terraços, aumento das salas de estar e criação de um espaço para refeições (sala de jantar) são as modificações mais freqüentemente encontradas no interior das residências. Comparando os diagramas do uso dos espaços convexos originais dos apartamentos com aqueles resultantes das residências modificadas, observa-se a conservação da quantidade de ambientes íntimos. E, em alguns casos alguns ambientes íntimos foram substituídos por áreas de vivência social, não raramente em salas de estar ou jantar.

5. Conclusões

Ultimamente tem-se assistido a um reinício de pesquisas em torno do tema espaço doméstico. Muitos destes enfoques, porém detêm-se ou sob o ponto de vista social ou psicológico, ou na perspectiva arquitetônica ou espacial, poucos estudos, no entanto buscam integrar as duas perspectivas. Os aspectos mais profundos, tanto de natureza social como cultural, que estão na base do conceito da habitação, considerado sempre em transformação, podem ser mais facilmente compreendidos na associação de atividades e de comportamento social com a configuração espacial da moradia.

Embora ainda iniciais os resultados sobre os hábitos de morar desta população revelam fatos curiosos tais como a perda de uma temporalidade definida para determinadas atividades como hora do almoço, um extremo padrão de solidão do desempenho de várias atividades tanto de tarefa como de lazer e um aumento de atividades sendo desenvolvidos em espaços mais privados (vide localização de televisão, computador e equipamento de som).

É relevante discorrer sobre os fatores tanto psicológicos como socio-culturais destas transformações. O morador que modifica a sua residência busca entre outras coisas a sua identidade. Busca além de adaptar a estrutura física à sua realidade, estabelecer uma relação única com o ambiente em que vive. A disposição dos móveis, a decoração da casa, as cortinas, assim como as novas esquadrias e revestimentos exprimem estes valores pessoais e simbólicos. Em todas as transformações é possível identificar valores estéticos, referências culturais. Assim os exemplos aqui apresentados nos mostram uma tendência bastante forte desta população em resgatar uma vivência doméstica de casa. Tal fato pode ser detectado pela recorrente tentativa de abertura de acessos individuais ao exterior. Mesmo as habitações em primeiro e segundo andar lançam mão de escadas externas, ou soluções duplex, para garantir o que é visto como individualidade. Como observa Amorim e Loureiro²:

“O que diferencia as duas soluções, a casa e o apartamento, entre outras características é o padrão de acesso à unidade residencial – enquanto no apartamento o acesso a partir da rua se faz por um espaço comum, compartilhado, na casa ele é independente, exclusivo do morador (...).”



Figuras 15, 16 e 17: Fotos representando transformações e adaptações em diversos pavimentos dos edifícios.

Um outro aspecto talvez mais cultural da região é a presença de terraços. Os terraços funcionam como espaços de transição, abrigam atividades múltiplas tanto sociais como de lazer, mas principalmente

² AMORIM, Luis & LOUREIRO, Cláudia (2000). Uma Figueira Pode Dar Rosas?: Um Estudo Sobre as Transformações em Conjuntos Populares. Artigo Submetido ao NUTAU'2000, São Paulo. p. 3.

resgatam as grandes aberturas, em oposição às janelas mínimas dos apartamentos, e permitem a possibilidade de ver e ser visto. Estes espaços também recebem tratamento diferenciado com floreiras, vasos de plantas, trazendo a possibilidade do jardim ou do quintal.

As fotos abaixo são significativas, e demonstram algumas das descrições aqui apresentadas. A partir da construção de grandes terraços, garagens e jardins, espaços conceitualmente peculiares às casas, os moradores confirmam a observação apresentada anteriormente: a tentativa de transformar cada apartamento em casa.



Figuras 18 e 19: Terraços e garagens, o apartamento com características de casa.

Dadas a variedade e número de alterações observadas nos conjuntos habitacionais, percebe-se o quão inadequada é a concepção de uma moradia popular que não prevê a transformações dos hábitos, da tecnologia, e mesmo da possibilidade de ascensão social desta população.

A falta de apoio do poder público em acompanhar as necessidades das áreas levou a que a população tomasse para si o papel de gestor e transformador do lugar. Desta forma é um importante objetivo, traçar um perfil do morador dos conjuntos habitacionais, além de realizar um levantamento com relação às mais freqüentes modificações, para analisá-las de modo a tentar responder alguns de nossos principais questionamentos: Por que eles reformam sua moradia? O que eles buscam? Quais suas necessidades e desejos? Quais os hábitos domésticos das famílias e como favorece-los? Conforme reconhece Hanson (1998, 307):

"Arquitetos raramente fazem parte da cultura para qual projetam, isto é tanto verdade para arquitetos que projetam habitações populares, no mesmo contexto cultural, como aqueles que são contratados para construir casas no exterior. A educação profissional dos arquitetos garante que eles abracem atitudes e valores da intelligentsia, talvez até da avant garde. Mesmo quando os arquitetos estão preparados para viver entre o povo para qual estão projetando, isto não garante que eles estão aptos para captar os aspectos essenciais do seu modo de vida".

Este estudo acredita na necessidade de avaliarmos as experiências de habitação mais freqüentemente implantadas nas décadas anteriores, bem como as transformações, sejam no espaço doméstico ou urbano, efetuadas pelos moradores. Somente assim, será possível identificar quais as necessidades, as novas formas de ocupação e conseqüentemente chegar a soluções que se adequem aos anseios espaciais, sociais e culturais dos usuários dos conjuntos habitacionais.

6. Referências Bibliográficas

AMORIM, L **The sector Paradigm**. Unpublished Doctoral Thesis. The Bartlett, University College London. (1999)

AMORIM, L. & LOUREIRO, C. Uma Figueira Pode Dar Rosas?: Um Estudo Sobre as Transformações em Conjuntos Populares. [http://www.vitruvius.com.br/arquitextos nº11-](http://www.vitruvius.com.br/arquitextos_nº11-) (janeiro, 2000).

HANSON, J. **Decoding Homes and Houses**. Cambridge: Cambridge University Press 1998.

HILLIER, Bill **Space in the Machine**. Cambridge: Cambridge University Press. (1996).

- HILLIER, Bill e HANSON, J. **The Social Logic of Space**. London. Cambridge, Cambridge University Press. (1984)
- ITO, M. Canter, D. Wilson, M. Conceptualizations of rooms in the Home: Cross-cultural and Methodological Comparisons. In, **Proceedings of the 4th International Facet Theory Conference**. Prague. (1993)
- LEITÃO, Geronimo e ANDRADE, Luciana (2000) Transformações na paisagem Urbana: Favelização de conjuntos habitacionais. **6º Seminário de História do Urbanismo e da Cidade**. Natal/UFGRN - CD-Rom
- LOUREIRO, Cláudia; MONTEIRO, Circe; TRIGUEIRO, Edja. (1995). “Reconciliação Com O Espaço Real: Transformações Morfológicas em Conjuntos Habitacionais”. Trabalho apresentado no **VI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído**.
- MACEDO, Silvio Soares (1995). “Espaços livres”. In: **Paisagem e Ambiente – Ensaio 7**. São Paulo. FAU/USP
- MONTEIRO, Circe. (1997). “The Morphology of Domestic Experience: A comparative analysis of the spatial patterns of domestic activity in Brazilian dwellings”. Proceedings **First International Space Syntax Symposium**. London: UCL.
- RIGATTI, Décio.(1997). **Do Espaço Projetado ao Espaço Vivido: Modelos de Morfologia Urbana no Conjunto habitacional Rubem Berta**. São Paulo: Tese de Doutorado FAU/USP.

